

LONGFORM JOURNALISM E O PROCESSO DE PRODUÇÃO DA REPORTAGEM “AS QUATRO ESTAÇÕES DE IRACEMA E DIRCEU”

Daniel Paulus¹

Angélica Lüersen²

RESUMO: No ambiente cibernético é crescente a utilização de ferramentas e a publicação de conteúdos jornalísticos. Muito além de uma transposição dos conteúdos produzidos para outras mídias, surgem iniciativas de produção exclusiva para este ambiente, tendo em vista todas as potencialidades que a web oferece, seja na apuração da pauta, através do uso de base de dados, como também na publicação, que já não se limita a um texto prioritariamente, mas sim, se caracteriza por um conjunto de elementos, que apresentam um aprofundamento da pauta. Neste aspecto, a jornalista Ângela Bastos, do Diário Catarinense dedicou dois anos e sete meses para a produção de uma reportagem no formato *longform journalism*, que utiliza texto, áudio, fotografia, vídeo e infografia como linguagem. Este trabalho, portanto, busca entender a complexidade deste tipo de produção, para, a partir daí compreender o porquê da escassez da sua prática. O olhar, no percurso deste trabalho, está voltado ao processo de produção e ao objeto em si - a reportagem - a fim de perceber como o processo influencia na reportagem publicada.

PALAVRAS-CHAVE: *Longform Journalism; Webreportagem; Multimedialidade.*

ABSTRACT: It is increasing the use of cyberspace as a production tool and a place of journalistic content publishing. Much more than a transposition of content produced for other media, there are exclusive production initiatives for these places. Considering all the possibilities that the web offers whether in the determination of the agenda through the database use, as well as in the publication, which is no longer limited to a text

¹ Graduado em Jornalismo pela Unochapecó.

² Jornalista graduada pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da UFSM, linha 'Mídia e Estratégias Comunicacionais'. Pós-Graduada em Docência na Educação Superior pela Unochapecó. Atua como professora nos Cursos de Graduação em Jornalismo, Produção Audiovisual, Publicidade e Propaganda e Artes Visuais (Unochapecó). Tem experiência na área de Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo, atuando principalmente nos seguintes temas: fotografia, fotojornalismo, jornalismo literário, jornalismo humanizado, jornalismo online, Produção Jornalística Hiper-mídia e Jornalismo de Dados.

priority, but the set is characterized with elements that have a deepening of the agenda. In this regard, the journalist Angela Bastos, from the Diário Catarinense devoted two years and seven months to produce a report in in the longform journalism format, which uses text, audio, photo, video and infographics as language. This paper therefore seeks to understand the complexity of this type of production, for from then, understand why the lack of practice. The look in the course of this work has the focus on the production process and the object itself - the report - in order to understand how the process influences the published report.

KEYWORDS: *Longform Journalism; Webreport; Multimedia.*

INTRODUÇÃO

A internet tem sido a motivadora de relevantes inovações no jornalismo, durante os últimos anos. As mudanças ocorrem tanto no fazer jornalístico, quanto na pesquisa. A informatização e o uso de redes telemáticas têm acarretado profundamente a maneira de produção do jornalismo, que, cada vez mais, depende das tecnologias para ser desenvolvido. Pode se dizer que hoje, poucas matérias jornalísticas começam a ser escritas sem uma prévia pesquisa na internet, que é uma das mais ricas fontes de base de dados para o jornalismo, possibilitando que o jornalista construa a pauta com um olhar diferenciado. Para Ferrari (2004), a web trouxe para o jornalismo a oportunidade de se reinventar, oferecendo aos jornalistas novas formas de produção e elaboração das matérias jornalísticas. O ambiente cibernético tem se tornado, cada vez mais, um espaço amplo de publicação do jornalismo. De acordo com Deuze (2006), o jornalismo online deve ser visto como jornalismo produzido quase exclusivamente para a *World Wide Web* (a interface gráfica em nível do utilizador da internet).

Canavilhas (2001, p. 1) diz que “o jornalismo na web pode ser muito mais do que o atual jornalismo online”. Conforme o autor, o webjornalismo pode explorar todas as potencialidades que a internet oferece, gerando um produto completamente novo: a webnotícia. É neste novo viés de produção para o jornalismo e um interesse de adaptação de parte dos profissionais da área, que algumas iniciativas fundamentadas na produção exclusiva para a web, surgem no contexto do jornalismo Brasileiro. A jornalista Ângela Bastos, repórter do jornal Diário Catarinense, do grupo RBS, foi uma das pioneiras, entre os grandes veículos de comunicação, a imergir em uma proposta de

produção exclusiva para a internet no Brasil. Dedicou grande parte de seu tempo para o desenvolvimento da reportagem multimídia “As quatro estações de Iracema e Dirceu” (Disponível em: <http://migre.me/vEpRN>), que, entre pesquisa, apuração e edição totalizou dois anos e sete meses de desenvolvimento. A matéria foi publicada em plataforma online e agrupa diversos recursos multimídia, ainda pouco explorados no webjornalismo. A exploração destes recursos dá à reportagem o caráter de *longform journalism*.

O termo *longform journalism*, ainda pouco popular no jornalismo brasileiro, adquire forma a partir da união de diversos recursos possibilitados pelo jornalismo eletrônico, aglomerados em uma única reportagem multimidiática. O formato resulta em uma leitura mais aprofundada e mais lenta, devido à sua complexidade e quantidade de recursos. Longhi e Winkes (2015, p. 4) apontam que “[...] o texto longo se destaca não apenas pelo formato, mas também pela apuração, contextualização, e aprofundamento.

JORNALISMO NA WEB

O webjornalismo começa a aparecer para o mundo na década de 90, do século XX, quando a internet passou a ser um produto acessível para a população e desde sempre passou por atualizações constantes. Atualmente, na fase do webjornalismo, definida como de terceira geração, cria-se um jornalismo interativo, que, conforme a pesquisadora Raquel Longhi, pode ser definido como uma:

Grande reportagem constituída de formatos de linguagem multimídia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentro outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear (Longhi, 2010, p. 153).

Em pleno século XXI, quando fala-se em notícia, nota-se que um grande número de pessoas, já não visualiza mais os jornais impressos e demais meios tradicionais de informação, como rádio, TV, revista e cinema, e sim o meio digital, representado pela Internet. Conforme Pinho (2003, p. 49), “[...] a velocidade de disseminação da internet em todo o mundo deve transformá-la efetivamente na decantada superestrada da informação. Oferecendo notícias, entretenimento, serviços e negócios.” Observa-se atualmente que o jornal impresso, por exemplo, passa por uma enorme crise e não se tem uma certeza sobre o seu futuro.

Fato é que, incerto o futuro dos meios de comunicação tradicionais, a internet, apresenta seu potencial e é apontada como um presente e futuro promissor para o

jornalismo. Será ela, o objeto de estudo nesse momento, não ignorando a existência dos demais veículos, porém, evidenciando o webjornalismo.

JORNALISMO DE BASE DE DADOS

O uso de bases de dados para a produção jornalística é um recurso potencializado com o surgimento da *World Wide Web*, a que traz uma nova perspectiva de armazenamento para as bases de dados e também agrega inúmeros recursos visuais que a informatização permite, para o tratamento das informações obtidas através da base de dados.

Em uma caracterização simples, o jornalismo de base é ver uma matéria jornalística onde, visualmente, vê-se apenas algum número, ou informação sem uma contextualização e apuração. No jornalismo diário, por exemplo, as notícias que aparecem de uma forma menos aprofundada, na página inicial dos websites, podem apresentar dados que, se explorados jornalisticamente, podem dar origem a uma série de novos conteúdos.

AS FASES DO JORNALISMO NA WEB

É preciso, antes de apontar as potencialidades que a internet oferece atualmente para o jornalismo, fazer uma breve contextualização histórica desta ferramenta tecnológica que tem causado tantas modificações de rotinas e hábitos no fazer jornalístico.

Uma das classificações do webjornalismo mais usada por pesquisadores atualmente é a de Luciana Mielniczuk (2003), que, apesar de já possuir mais de 13 anos de publicação, continua sendo uma das mais aceitas e estudadas. A autora sugere que o webjornalismo pode ser classificado em três diferentes fases, que são caracterizadas pelo formato como a informação é transmitida ao leitor, e não apenas à uma época cronológica.

Conforme Mielniczuk (2003), na primeira fase os produtos jornalísticos disponibilizados na internet seriam apenas reproduções de conteúdos integrais ou fragmentos de materiais já disponibilizados nos meios de comunicação impressos.

O webjornalismo apresenta mudanças ao passo em que o serviço de internet vai melhorando no país e assim surge a denominada segunda fase do webjornalismo, dando origem à “Segunda Geração”, na qual se inicia a produção de conteúdo específico para a

web. Conforme Mielniczuk (2003), essa produção não está desvinculada dos impressos. A autora indica que o jornal impresso funciona como uma referência para as produções feitas para a web, sendo por isso também chamada por fase da metáfora.

A terceira geração do webjornalismo caracteriza um momento, não situado no tempo, porém, com a caracterização da produção de conteúdos pensados para o ambiente virtual. Mielniczuk (2003) indica que nesta fase as produções passam a apresentar multimídia, com o uso de diferentes recursos, como imagem, som e vídeo, integrados ao texto.

Percebe-se que as três gerações do webjornalismo não se diferem pela forma de apuração do trabalho jornalístico, mas sim, devido às ferramentas usadas para apurar e publicar e também ao formato das publicações que, na terceira geração se mostra mais completa em recursos por tratar-se de uma publicação pensada para a web desde a pauta.

CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO ONLINE

Diferentes autores atribuem variadas características como sendo a base da criação de conteúdo informativo para a web. Bardoel e Deuze (2001) apresentam quatro elementos: interatividade, customização de conteúdo, hipertextualidade e multimídia. Já Palácios et al. (2002), propõem seis características, fundamentado em leituras de grandes autores, nos quais estão inclusos Bardoel e Deuze, complementando com Canavilhas e Elias Machado. Conforme ele, as características são: multimídia/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização, memória, instantaneidade e atualização contínua. Todo este conjunto de características mostra a potencialidade oferecida pela internet e demonstra esta como o meio mais completo para a transmissão de informação. Uma vez que, aglomera características de todos os demais meios de comunicação, integrantes da mídia tradicional.

A pesquisadora Raquel Longhi (2010) destaca que as narrativas multimidiáticas no webjornalismo têm se desenvolvido de maneira exponencial, num crescimento estimulado pelos avanços técnicos de hardwares e softwares. No viés do fazer jornalismo, perante estas novas possibilidades Tompkins (2001 apud GRADIM, 2002) alerta que o jornalista, apesar de produzir para a internet, precisa se preocupar também com a pesquisa, a apuração e a verificação dos fatos. Para ele, recursos como fotos,

vídeos, áudios e animações devem ser complementares e jamais encobrir a informação para evitar a perda de credibilidade e consequente rejeição por parte do público.

REPORTAGEM PARA WEB

Visto a necessidade de espaço requerida pela reportagem em meios impressos e a quantidade de tempo que ela requer em rádio e TV, a internet se mostrou o ambiente ideal para esta modalidade do fazer jornalístico, antes explorada, principalmente, pelas revistas, devido à sua periodicidade. Conforme a pesquisadora Luciana Mielniczuk (2002), os avanços no fazer jornalístico através da rede são marcados pela invenção da *World Wide Web* e, sendo que o grande salto em relação à produção de conteúdos ocorreu no início dos anos 90, quando a internet passa a ser usada de forma comercial.

Conforme Canavilhas (2014), a reportagem para web passou por um longo processo evolutivo, estando nas diferentes gerações da produção jornalística para a web. Segundo ele:

O processo evolutivo foi longo: começou com a utilização do hipertexto e algumas fotos, passou para uma fase em que vídeo e som passaram a ser habituais e, por fim, foram oferecidas novas possibilidades de leitura graças à introdução de níveis informativos ligados por hipertexto (Canavilhas, 2014, p. 7).

Conforme Longhi (2010, p. 1), “[...] as narrativas multimidiáticas no webjornalismo têm se desenvolvido de maneira exponencial, num crescimento estimulado pelos avanços técnicos de hardware e software.” Em 2003, Mielniczuk já apontava que o jornalismo feito para a web apresentava mudanças significativas, mesmo com menos de uma década de história. “Por um lado, por causa dos avanços tecnológicos pelos quais a própria web tem passado, por outro, devido, às descobertas de possibilidades oferecidas pela web para a prática do jornalismo.” (Mielniczuk, 2003, p. 21).

LONGFORM JOURNALISM

A nomenclatura *longform*, que é norte americana, é usada por lá cotidianamente, atribuída a coisas que são apresentadas com um maior aprofundamento e ganhou destaque no jornalismo em 2012, quando o jornal New York Times publicou a reportagem *Snow Fall*, referência mundial quando se fala em jornalismo multimídia.

A expressão *longform* passa a ser adaptada ao ambiente digital e, segundo Fischer (2013 apud LONGHI; WINQUES, 2015, p. 112), representa “1) um nível mais aprofundado de relato, que vai além do padrão cotidiano da produção (jornalística) e 2) narrativas atraentes, frequentemente com elementos multimídia, que realçam o artigo.”

A fragmentação do jornalismo na web, proporcionada, principalmente pela inserção de links e hiperlinks representa um grande avanço para o jornalismo, dando a possibilidade de apresentar novas abordagens sobre a pauta a qualquer momento. Com a característica da memória na web, esta fragmentação possibilita reunir, mesmo que não seja na mesma página, diversos conteúdos que se complementam na formação e apresentação do contexto da notícia. Na grande maioria dos portais de notícias, vemos a notícia fragmentada, conteúdos factuais, que necessitam de transmissão imediata, instantânea ao o público receptor, devido à sua relevância naquele momento. Esse imediatismo faz com que não haja muito tempo para aprofundar a notícia e torná-la completa, com as características multimídia apontadas pelos autores mencionados anteriormente.

Longhi (2014) destaca que a implementação do HTML5 possibilitou a apresentação de um webjornalismo mais completo.

[...] a forma do texto da grande reportagem teve uma evolução. Se, com o Flash, o texto era disposto de forma mais fragmentada, tornando assim a noção do ‘todo’ da matéria afetada, com a etapa atual, do HTML5, o texto *longform* impera, num desenho que envolve mais imersão e engajamento do leitor (Longhi, 2014).

Uma nova maneira de exploração das plataformas online e de produção de jornalismo para a internet tem surgido com o *longform journalism*, comumente denominado de reportagem para web, ou especial multimídia.

Alguns autores defendem que textos longos demais acabam se tornando desinteressantes na internet. Canavilhas (2014) sustenta que um texto muito longo pode cansar o leitor. Já Salaverría (2005a) destaca que cada vez mais os meios de comunicação estão convencidos de que há espaço para o jornalismo com a característica do texto longo.

Conforme Longhi e Winques (2015), “[...] nas discussões sobre o termo, a referência ao *new journalism* e ao jornalismo de revista são inevitáveis, uma vez que se trata de um texto mais aprofundado e com características autorais.” Elas complementam que é possível comparar a prática a outro movimento recente, denominado *slow*

journalism, que é a aposta da volta da qualidade ao jornalismo, segundo seus fundadores.

Para compreender melhor o que é o *longform journalism*, cabe visualizarmos algumas produções neste viés, que tem como alavanca a grande reportagem multimídia *Snow Fall*, lançada em 2012, pelo *The New York Times*, que através de uma complexa contextualização dividida em seis capítulos, contou a história de uma avalanche de neve que ocorreu em Washiton, no ano de 2012. Segundo Longhi e Winques (2015): “O jornal reconstituiu a tragédia através de uma reportagem em seis capítulos, contendo elementos multimídia como gráficos interativos, vídeos, biografias e textos verbais contendo em torno de 18 mil palavras.”

No Brasil, alguns dos exemplos com maior repercussão são os especiais “A última foto”, do jornal Zero Hora, “Erva mate: o ouro verde do Paraná” do jornal Gazeta do Povo, “A batalha de Belo Monte, da Folha de São Paulo e “O Golpe a Ditadura Militar, também da folha de São Paulo. É fato que há inúmeras outras iniciativas de produção no formato *longform*, na web, porém, por terem sido produzidas por veículos de popularidade, estas acabam ganhando maior notabilidade no ciberespaço.

“AS QUATRO ESTAÇÕES DE IRACEMA E DIRCEU”

O objeto de estudo deste trabalho é a reportagem multimídia “As quatro estações de Iracema e Dirceu”, desenvolvida pela jornalista Ângela Bastos e pelo fotojornalista Charles Guerra entre 2013 e 2015 e publicada em plataforma digital no ano de 2015 pelo jornal Diário Catarinense. A reportagem apresenta a vida simples de uma família do interior de Timbó Grande, em Santa Catarina, que, conforme o censo de 2010, integrava a porcentagem considerada miserável no país, com uma renda per capita mensal inferior a R\$ 70,00, naquela época.

A publicação mostra a rotina da família durante as quatro estações, iniciando pelo outono, inverno, primavera e verão. Outro fator que incentivou o desenvolvimento da pauta foi a promessa do Governo do Estado de Santa Catarina de erradicar a miséria no estado até o final de 2014.

No total, foram dedicados dois anos e sete meses para a execução da reportagem que, após ser publicada, teve grande repercussão. Ainda em 2015 a reportagem recebeu

o Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos na categoria Internet.

Para desenvolver o projeto foi realizado um intenso trabalho de apuração durante o qual a equipe percorreu mais de 33 mil quilômetros e passou por mais de 12 cidades em busca de minúcias.

A reportagem é apresentada em formato de site, no qual o leitor avança na leitura conforme navega. São explorados os diversos recursos multimídia. O texto é o mais abundante e é apresentado em linguagem literária, bastante instigante e sensível. Há também grande inserção de fotografias e vídeos que retratam o dia-a-dia da família, bem como depoimentos. Nos áudios, presentes na reportagem a jornalista Ângela Bastos reproduz o seu diário de bordo e comenta fatos e momentos de destaque que ocorreram durante a produção da reportagem.

Para ser finalmente colocada no ar, a reportagem contou com outros quatro profissionais, além de Ângela Bastos e Charles Guerra, que foram a campo. Estes demais profissionais foram responsáveis pela edição, design e desenvolvimento, edição de vídeos e direção de vídeos.

Além de contar uma história de impacto, fundamentada em um grande problema social, o diferencial da pauta está justamente na maneira como foi tratada e produzida. A abundância de informações não torna a leitura cansativa, por transmitir toda a sensibilidade da história para o leitor. Outro diferencial está na disposição da matéria, que apresenta cada estação do ano da família em uma aba separada, fazendo com que o leitor navegue através do site.

O SURGIMENTO DA PAUTA E A SELEÇÃO DA FAMÍLIA CANOFRE

A pauta da reportagem “As quatro estações de Iracema e Dirceu” foi desenvolvida no ano de 2012, motivada por uma promessa do Governo do Estado de Santa Catarina, do então governador Raimundo Colombo, de erradicar a extrema miséria no Estado até o final de seu mandato, em dezembro de 2014. O compromisso foi contrastado pela jornalista Ângela Bastos, com os dados do Censo de 2010 que apontou que 102,6 mil catarinenses viviam em estado de extrema miséria.

O Planalto Norte de Santa Catarina foi constatado como a região com maior abundância de famílias em estado de extrema miséria. Selecionada a região com maior

índice, a jornalista buscou então uma filtragem ainda mais precisa, que a levou até o nome da cidade de Timbó Grande, que se encontrava no final do ranking na pesquisa.

Já em Timbó Grande, foi realizada a seleção de cinco famílias em condição similar: brancos, da área rural, com filhos na mesma condição econômica e que tivessem uma noção de suas origens. A intenção era mostrar que o empobrecimento também está presente no campo catarinense, que tradicionalmente é destacado devido à sua abundante produção para os diferentes campos industriais, que geram movimento interno no país e alto volume de exportações.

O projeto surgiu em 2012 e as idas a campo iniciaram em 14 de janeiro de 2013. Para chegar até a família que seria protagonista da reportagem, Ângela Bastos entrevistou cinco famílias, selecionadas a partir das características que buscava e realizou visita à todas elas. Apresentava-se como jornalista e explicava o motivo da sua visita. Desta forma, conheceu diferentes histórias de vida. Após as conversas, descrevia detalhadamente o perfil da família entrevistada para, futuramente, identificar aquela com maior potencial.

Durante as conversas com a família de Iracema e Dirceu, a jornalista identificou pontos fortes que a distinguiam das demais famílias entrevistadas até aquele momento. O ponto que destacou a família Canofre foi a quantidade de filhos vivos, 14, e o parto de todos eles ter sido realizado por Dirceu, o pai. A faixa etária das crianças também atraiu o interesse da jornalista, pois o filho mais novo estava com três anos naquela época e a filha mais velha com 29. Ou seja, a família teve filhos ao longo dos anos.

A família de Iracema e Dirceu, cronologicamente, foi a terceira que a repórter conheceu. Mesmo após se interessar pela história dos Canofre, Ângela continuou as entrevistas com as demais famílias previamente selecionadas. Após conhecer as cinco famílias e já interessada na história de Iracema e Dirceu, Ângela descreveu em papel o perfil de cada família. Situou todos os membros e condição em que viviam e apresentou ao editor chefe do jornal Diário Catarinense juntamente com fotos que ela mesma capturou, dos personagens e local onde moravam. Optaram, então, por retratar a história dos Canofre.

PROCESSO DE APURAÇÃO

Escolhida a família, Ângela Bastos iniciou uma série de visitas aos Canofre. Nas seis primeiras viagens até a cidade de Timbó Grande, que ocorreram durante os seis

primeiros meses de produção, a jornalista foi sozinha, pois sentia a necessidade de criar um vínculo de confiança com os Canofre, para em seguida levar um fotógrafo até o convívio da família.

A proposta, desde o começo foi de que a reportagem fosse desenvolvida no formato multimídia, característica do trabalho da jornalista Ângela Bastos, que atua como repórter especial no Diário Catarinense e, por isso, possui maior tempo hábil para a execução de projetos mais elaborados. Foi durante a execução da reportagem que a jornalista visualizou a necessidade de transpô-la também para outras mídias, impresso e televisão.

Ângela não realizou nenhum tipo de gravação em áudio das conversas que teve com os Canofre, com exceção de alguns vídeos gravados de forma amadora. Tudo era registrado em momentos posteriores às visitas, quando Ângela transcrevia para o papel aquilo que havia ouvido naquele dia. Em média a cada três meses, todos os textos e fotos, que em um primeiro momento eram capturadas de forma amadora pela jornalista, eram entregues ao editor do jornal, para que houvesse um acompanhamento do trabalho.

Foi após muito acompanhar a família e muitas histórias ouvidas, que ela resolveu levar um fotógrafo para acompanhá-la nas visitas aos Canofre. Naquele momento a família já havia criado grande afinidade e empatia com a repórter e a produção da reportagem e, por isso, não se sentiriam intimidados com a presença de uma segunda pessoa estranha em seu convívio, bem como, de uma câmera que os registrasse.

Por designação do Jornal Diário Catarinense, quem passou a acompanhar Ângela, foi o fotojornalista Charles Guerra. Da mesma forma que a repórter se envolveu com a família, o fotógrafo também foi inserido à vida dos Canofre e muito bem recepcionado.

Apesar de a repórter ter buscado não interferir na realidade da família, para retratar da maneira mais fiel, sabe-se que a presença de um estranho sempre pode causar mudanças de comportamento. No caso dos Canofre, eles estavam sendo observados e acompanhados por uma jornalista que registrava aquele momento e mesmo que a intenção de Ângela não fosse interferir na realidade, indiretamente isso ocorreu pois os Canofre sabiam que estavam sendo observados e, por isso, podem ter tido alguns comportamentos que não teriam sem a presença da equipe de reportagem.

A trilha sonora foi composta pelo maestro Wagner Segura, amigo da jornalista, especialmente para a reportagem. Cada estação do ano possui uma trilha sonora

diferente, com diferentes instrumentos, que exprimem sensações daquela estação. Desta forma, criou-se um diálogo entre a trilha, a história e as imagens.

A BUSCA PELAS ORIGENS DA FAMÍLIA E A VIAGEM PARA A ALEMANHA

Em suas conversas com Dirceu, de quem provinha o sobrenome da família, a repórter o interrogou sobre a origem dos Canofre. A única informação que Dirceu possuía era de que, conforme seu pai, o avô era alemão. Ângela sentiu-se então, instigada a buscar informações sobre a origem da família.

Após longas pesquisas realizadas por um genealogista, descobriu-se que o sobrenome “Canofre” na verdade provinha de uma mutação ortográfica do sobrenome alemão “Knopf”, com registros na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que abriga nomes de todos os imigrantes que chegaram ao Brasil. Chegaram então até o nome do imigrante Valentin Knopf. Conforme os registros o navio no qual Valentin e Cláudia Knopf haviam vindo para Brasil, partiu do Porto de Hamburgo em 1826. A jornalista viu como alternativa para conhecer mais sobre a origem dos Canofre, ir até Hamburgo e buscar vestígios de Valentin Knopf. Ângela conseguiu contato então com um primo distante de Valentin, que reside na Alemanha.

Após realizar diversas “manobras” para viabilizar a viagem, que não estava no orçamento do Diário Catarinense, a jornalista foi para a Alemanha, onde ficou durante três dias e realizou diversas entrevistas. A viagem possibilitou contrastar a realidade dos Canofre brasileiros com a dos Knopf da Alemanha e verificar como há uma diferença social entre elas, apesar de as origens serem as mesmas.

PROCESSO DE EDIÇÃO: A REPORTAGEM TOMA VIDA

O processo de edição, coordenado pela jornalista Julia Pitthan, contou com o auxílio de cerca de 15 profissionais, desde a parte de design, edição de vídeos, edição de texto até planejamento de estratégias de ativação em redes sociais.

O layout do site foi concebido a partir do início da edição do material. Já com o conceito definido, por volta de dezembro de 2014, Julia Pitthan reuniu-se com o restante da equipe de edição e a equipe digital para pesquisar referências e pensar em uma estrutura que convidasse os leitores a entrar na casa de Iracema e Dirceu. A partir daí,

ocorreram vários estudos que partiram das imagens que a equipe possuía para refinamento do conceito e programação.

Ângela participou de todo o processo de edição e todas as decisões passaram por sua aprovação antes de serem aplicadas. A jornalista Julia Pitthan, responsável pela edição, teve envolvimento com a reportagem durante os dez meses anteriores à publicação. Já Ângela, possuía uma memória de quase dois anos de apuração, quando a edição iniciou, por isso, sua participação no processo de edição foi importante, pois aplicava o olhar de repórter, a experiência que havia vivenciado com os Canofre.

PUBLICAÇÃO DA REPORTAGEM

Inicialmente, a proposta era esperar o término do mandato de Raimundo Colombo para publicar a reportagem e apresentar se efetivamente a erradicação da extrema miséria no Estado havia sido alcançada. Logo, surgiram questionamentos internos entre a equipe do Diário Catarinense. Se a promessa de Colombo houvesse sido atingida, a reportagem poderia tornar-se uma “bandeira política”. Se chegassem neste mesmo período e encontrassem uma situação onde a extrema miséria não houvesse sido erradicada, poderia tornar-se também uma bandeira política. A equipe optou por manter a atenção e publicar a reportagem no momento mais propício, para que não gerasse esta conotação política.

Após a reportagem estar concluída, Ângela a levou até a família Canofre para que revisassem o material em conjunto e sugerissem alterações, caso algo não estivesse condizente com a realidade.

CONCLUSÃO

Visualizado o processo de construção e observada a reportagem publicada, é possível afirmar que o objeto de estudo deste trabalho possui as características da terceira geração do webjornalismo, pelo fato de a reportagem ter sido pensada e executada para a web. Além de tratar-se de uma produção pensada para a web, a reportagem “As quatro Estações de Iracema e Dirceu” traz os diferentes elementos multimídia, como texto, áudio, vídeo, fotografia e infografia.

O que pode justificar a carência de produções voltadas para a web, tendo em consideração as potencialidades que o webjornalismo de terceira geração oferece, bem como as plataformas de publicação, em um primeiro momento, é o tempo necessário

para a sua realização. No caso da reportagem objeto de estudo deste trabalho, foram dois anos e sete meses de processo de produção. Esse longo período de tempo serviu para que fosse realizada uma apuração aprofundada sobre a realidade da família Canofre, que não foi representada apenas em um recorte, mas fez com que Ângela fosse, inclusive, para a Alemanha, em busca dos antepassados dos Canofre. Neste aspecto nota-se a importância que há no jornalista olhar para outros aspectos, além do convencional, olhando, por exemplo, para a base de dados para garimpar uma pauta.

Outro aspecto a ser considerado é a atuação que a repórter teve durante todo o processo de produção da reportagem, pois nota-se que as escolhas que o jornalista realiza durante a execução da pauta são determinantes para o resultado final.

Além de gerar debate no mundo acadêmico, a pesquisa também pode ser motivo de discussão entre os profissionais da área e os veículos de comunicação, que, a exemplo do Diário Catarinense, podem fomentar a produção multimídia para a web, tendo em vista que o *longform* desconstrói a ideia de que na internet o leitor quer apenas textos curtos e informação rápida.

Além disso, a produção de conteúdo jornalístico voltado para a web ainda é escassa. A pesquisa sobre uma forma mais complexa de jornalismo para a web traz uma nova visão para a prática. Visualizadas as escassas referências sobre o tema, é desafiadora e necessária a pesquisa acerca do *longform journalism*. Acredito que a obtenção de conhecimento com os responsáveis pela reportagem que é tema deste trabalho foi um grande passo para a compreensão da produção do jornalismo multimídia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANAVILHAS, J. M. Hipertextualidade: novas arquiteturas noticiosas. In: _____ (Org.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: UBI, LabCom, 2014.

_____. *Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2001.

DEUZE, M. O jornalismo e os novos meios de comunicação social. *Comunicação e Sociedade*, v. 9-10, p. 15-37, 2006.

FERRARI, P. *Jornalismo Digital*. São Paulo: Contexto, 2004.

GRADIM, A. *Os géneros e a convergência: o jornalista multimédia no século XXI*. Disponível em <http://labcom-ifp.ubi.pt/files/agoranet/02/gradim-anabela-generos-convergencia.pdf>.

LONGHI, R. R. Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia. *Estudos em comunicação*, Covilhã, v. 2, n. 7, p. 149-161, maio 2010.

_____. O turning point da grande reportagem multimídia. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, set./dez. 2014.

_____; WINQUES, K. O lugar do longform no Jornalismo online: qualidade *versus* quantidade e algumas considerações sobre o consumo. *Brazilian Journalism Research*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 110-127, abr. 2015.

MIELNICZUK, L. *Jornalismo na WEB: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual*. 2003. 246 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

PALÁCIOS et al. Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro e português. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. *Anais...* Salvador: INTERCOM, 1 a 5 set. 2002.

SALAVERRÍA, R. *Redacción Periodística en Internet*. Barcelona: Eunsa, 2005a.